

## António Gonçalves

### Título:

Escreve-me

### Texto:

Duas e meia da tarde, três horas talvez.

Pedi uma bica e comprei cigarros no café da praia. Acendi logo um e fiz uma pausa como que a dar tempo ao sol de se inclinar mais um pouco. Ganhei coragem. Enterrei os pés descalços na areia escaldante e avancei pelo areal até um local mais fresco, mais próximo dos desenhos deixados no chão pelas ondas da última maré. Finalmente sentado debaixo do guarda sol, ajeitei os óculos e mergulhei na tranquilidade retemperadora daquele cenário idílico. Era só o que queria levar dali. Aquela tarde. Aquela sossego.

Quatro e meia. Da tarde. Da mesma tarde.

Tinha-me levantado finalmente. Aproximei-me da água. Chapinhava com os pés alternadamente nos contornos disformes da sombra ainda pequena que saía de mim. Ainda ia alta, a Estrela. Evaporado pelo calor intenso, o sal organizava os seus frágeis cristais em pequenas aldeias que povoavam a minha pele. Deixava-me estar assim, ameninado e indefeso. Perdido como me apetecia estar.

Levantei a cabeça e enchi o peito com o ar fresco do mar que me estava agora tão próximo. Um oceano de iodo. O cheiro a maresia que sobrou da maré vazia revigorou-me. Rodei a cabeça e vi-te.

O teu cabelo castanho claro, loiro do sol, comprido e solto como ainda o usas, acetinava-te as linhas geométricas do rosto num bailado sensual e desconcertante. Desinteressada, ofereceste-me a luz clara dos teus olhos à passagem. Quando os guardaste de novo, fizeste-o devagar, como se o rosto virasse mais depressa que o olhar. Ainda hoje guardo de ti essa visão.

Caminhavas descalça. Bela e inalcançável na tua fragilidade superior. Fugida aos deuses. Enquanto entravas no oceano, via-te insegura mas ágil como as nereidas de Camões.

Percebi logo que não eras para mim. A idade trouxe-me um mal maior – a razão. Noutros tempos teria arriscado e pedia-te o nome. Teria feito uma figura ridícula, daquelas que os homens verdadeiros fazem quando se deslumbram com uma mulher.

Acabei por fazer na mesma. Mas foi involuntário. Paraste perto mim. Juntaste finalmente um pé ao outro e tiraste tempo para olhares o mar antes de o sentires. Nesses segundos infinitos, olhei-te como um adolescente. Consumi os teus jeitos e substituí o meu cheiro pelo teu. Perdi-me em ti. Atravessei-te dos dedos dos pés até aos lábios que vi espreitar quando o vento te afastou o cabelo. A areia que ia de mim até ti era a mesma que nos separava.

Podia jurar que não deste sequer pela minha presença.

O mar acalmou quando entraste. As ondas cessaram de vez. Naquele instante diria que o mundo nunca viu uma tal ausência de movimento. Com a água pelo umbigo, sereia feita metade, estendeste a tua mão delicada num gesto treinado e prendeste o cabelo atrás da

orelha. Sorriste. Juro que te vi sorrir. Convenci-me que reparaste na minha fraqueza. Que te deleitaste com o teu poder.

Desviei o olhar para deixar que o mar se voltasse a mexer. O tempo regressou imediatamente da sua ausência.

Durante estes cinco anos sei que foste casando e descasando. Sei onde tens morado e onde trabalhas. Sei até o teu nome.

Ainda sei que não és para mim e acredito que nunca virás a ser, mas ainda me paras quando te vejo. A idade, agora, manda-me ser ridículo.

Escrevo-te.

Escreve-me.